

A HISTÓRIA DE UMA INJUSTIÇA

Fernando Paulo Ferreira

Copyright © 2021 Fernando Paulo Ferreira
Todos os direitos reservados.

2ª Edição/2021 (Revisada e Atualizada)

A história de uma injustiça (ficção)

Ferreira, Fernando Paulo

Americana, SP, Brasil

ISBN: 978-1543058727

Edição, Finalização e Revisão e Diagramação:

Fernando Paulo Ferreira

Foto da Capa: Prision (CC0 - Public Domain)

Arte na capa: Fernando Paulo Ferreira

Contato com o autor: Fernando Paulo Ferreira

fernandopferreira@yahoo.com.br

Copyright © 2021 Fernando Paulo Ferreira
Todos os direitos reservados.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todas as vítimas das injustiças.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela inspiração, pelo senso de justiça e pelo dom de escrever histórias que tocam no coração das pessoas. Em segundo lugar, à minha esposa Raquel Samelo, paciente e compreensiva, em me ouvir falar das injustiças que o mundo sofre.

Um agradecimento especial à Doutora Ana Paula Dias Gomes, Advogada, pelas dicas jurídicas, ideias e pela assessoria prestada em grande parte desta obra.

Aos leitores que adquiriram este livro, tenham gostado ou não, às pessoas que estão cansadas de sofrer da violência praticada em todo o mundo, pessoas que sofreram violência física, mental ou social, às pessoas que se indignam com as injustiças e buscam formas de minimizá-las.

Meu muito obrigado a todos aqueles que, direta ou indiretamente, serviram de pano de fundo para a elaboração desta obra

ÍNDICE

O INÍCIO	9
ARBITRARIEDADE.....	14
NA CELA DA CADEIA PÚBLICA.....	19
CORRENDO ATRÁS DE UM ADVOGADO	22
DESESPERO	28
SALA DE ESPERA	31
A ACUSAÇÃO	35
A DEFESA	39
UM LANCHE PARA MATAR A FOME	43
FAZENDO AMIZADE NA CADEIA	46
A NOTÍCIA SE ESPALHA.....	51
NUMA NOVA CELA	61
MAIS ACUSAÇÕES.....	64
A PRIMEIRA NOITE NA CADEIA	71
O TESTEMUNHO DE HELENA.....	76
A CAMINHO DA PENITENCIÁRIA.....	80
CENTRO DE DETENÇÃO PROVISÓRIA	84
EM BUSCA DA VERDADE	89
O DIA DA VISITA.....	95
A DURA VIDA NA PRISÃO	99
NOVAS DESCOBERTAS	104
ENQUANTO ISSO... ..	111
MAIS UM?.....	116
“GRAÇAS A DEUS!”	121
REUNIÃO NO QUINTAL	126
O TEMPO PASSA.....	129
ENQUANTO AQUELE DIA NÃO CHEGA	133
UM PONTO	139
PREOCUPADO	143
O ADVOGADO	146
O AMIGO JORNALEIRO.....	149
A ESPOSA	153

A VÉSPERA.....	158
O DIA DA AUDIÊNCIA	163
ANSIEDADE.....	166
A CIDADE.....	172
O MAIS PERIGOSO DE TODOS.....	175
SEM PAZ	180
O RECONHECIMENTO	183
PRIMEIRA DERROTA	186
PALAVRAS DO PROMOTOR	189
A OITIVA DA VÍTIMA	191
PAUSA.....	195
AS TESTEMUNHAS.....	199
NATAL NA CADEIA.....	208
A VEZ DE ROBERTO	213
A SENTENÇA.....	220
TRINTA E DOIS ANOS DE PRISÃO	227
O OUTRO LADO DA MOEDA.....	231
COM O TEMPO.....	235
A CONFISSÃO	243
MUDANÇAS	247
FINALMENTE LIVRES.....	250
EPÍLOGO.....	254

O INÍCIO

Na cidade de Romeirópolis, no interior do estado de São Paulo, numa manhã de domingo, Roberto estava jogando futebol com seus amigos, num campinho de grama sintética do clube social da cidade.

Rogério, seu amigo de longa data, que viera com ele da capital para a cidade do interior, fugindo da poluição e da violência, também estava em campo. Ambos jogavam na mesma equipe, a qual ganhou de três a zero do outro time, formado por outros amigos de ambos. Os dois estudaram na mesma escola, quando crianças, passaram a adolescência em escolas diferentes e a juventude também em faculdades diferentes, até que se formaram na mesma época e resolveram se reencontrar.

Casaram-se também no mesmo dia, na mesma época. A esposa de Roberto se chamava Helena, a de Rogério, Manoela. Logo após o casamento, os dois alugaram uma casa na cidade de Romeirópolis, a duzentos e cinquenta quilômetros da capital, uma cidade de mais ou menos duzentos mil habitantes, com fá-

bricas, lojas, serviços básicos de saúde e transporte a pleno funcionamento.

Os dois casais se adaptaram rapidamente à cidade. Mas não havia emprego para atender às profissões deles, Roberto era administrador de empresas, Rogério era engenheiro mecânico. Acabaram conseguindo empregos mais modestos para que pudessem ter, no fim do mês, um dinheiro para mantê-los, além de guardá-lo para um futuro melhor, como montar uma empresa metalúrgica na mesma região.

O tempo passou, as famílias cresceram, Roberto teve, em apenas um ano morando na cidade, uma filha, na qual pôs o nome de Amanda e Rogério teve um filho, cujo nome foi Rubens. Continuaram morando na cidade, se encontrando todo final de semana, para um churrasco com a família, amigos e vizinhos. Viajavam juntos para qualquer lugar do país durante suas férias. Eles ganhavam um bom salário, passaram por lutas, crises financeiras e problemas familiares, sempre se ajudando mutuamente e vencendo todas as barreiras.

Um dia, Rogério ficou desempregado e Roberto o ajudou a adquirir uma banca de jornal, que no início era muito pequena, que foi crescendo aos poucos até que se tornou uma pequena livraria.

Cinco anos depois de se mudarem para Romeirópolis, eles resolveram, nesse domingo, jogar futebol, os dois amigos saíram de campo abraçados e foram comemorar juntos de suas esposas, com direito a churrasco, em companhia dos amigos e dos integrantes do time adversário.

Era um grande momento de descontração, Roberto e Helena trocavam carinhos num banco ao lado da churrasqueira. Estavam todos felizes, enquanto Amanda brincava com as amiguinhas no playground do clube. Rogério assava a carne e servia aos seus convidados. Eram tantos, haviam também pessoas que não eram conhecidas das duas famílias, mesmo assim, todos foram bem recebidos. Participavam porque faziam parte da rede de amigos do time adversário.

Roberto, enquanto conversava com sua esposa, observava sua filha brincando no outro lado. Não podia tirar os olhos dela e também não podia parar de se divertir. Além disso, observava seu amigo Rogério trabalhando na churrasqueira sozinho, enfrentando a fumaça e servindo os convidados, mesmo cansado depois de tanto jogar futebol. Resolveu levantar-se e ajudar o amigo. Enquanto isso, Helena foi ao playground fazer companhia à filha.

— Precisa de ajuda, Rogério? — Perguntou Roberto.

— Um pouco — respondeu o amigo, com um espeto cheio de linguiça na mão. — Tem muita gente aqui, não esperava isso e nem sei de onde vieram. Ainda bem que todos trouxeram carnes. Imaginei que era apenas um programa familiar, uma reunião de confraternização.

— Eu também pensei. Aquelas meninas devem estar com fome — disse Roberto, apontando para o outro lado, onde três meninas, aparentando ter entre quinze e dezoito anos, estavam sentadas num tronco de árvore, conversando entre si.

— Se acha que estão com fome, leve este prato para elas — respondeu Rogério, entregando-lhe uma bandeja de plástico bem cheia, com variados tipos de carnes assadas, maionese, farofa e arroz.

Roberto pegou o prato e levou às três garotas, chegando perto delas, Roberto notou que eram meninas simples, magras, de aparência triste, rosto bem sofrido.

— Olá — disse ele, — estava notando vocês aqui sozinhas. Então, eu, minha família e meus amigos resolvemos oferecer esta bandeja de carnes para vocês. Estão servidas?

— Ah, obrigada! — disse a loirinha, que parecia ser mais nova.

— Obrigada! — disse a segunda, morena, mais alta.

— Obrigada! — disse a terceira também morena alta e que parecia mais velha.

— Se quiserem mais coisas, é só ir até ali. Temos refrigerantes e sucos se quiserem. Somos duas famílias, e está sobrando

carne.

— Obrigada. Iremos sim — respondeu a que parecia mais velha.

— De nada. Fiquem à vontade!

Assim que Roberto voltou, as três voltaram a conversar entre si. Era mais uma discussão do que uma conversa, mas não recusaram o convite de Roberto e já estavam se enturmando com os convidados.

Rogério olhou para elas. Eram meninas pobres, estavam realmente com fome pelo tanto que comiam. Também olhavam para Roberto com aquele olhar de quem quer algo mais. Rogério sabe que Roberto não teria outras intenções. Ele é casado, ama a esposa e a filha e não cederia aos encantos de qualquer garota. Ele o conhece bem. Mas não conhece essas meninas; nunca as tinha visto na cidade. O que elas estariam tramando?

Roberto estava servindo aos convidados, amigos e parentes. Vez ou outra parava para conversar longamente com os amigos mais chegados. Até aquele momento, ele não chegara perto das meninas, exceto quando foi levar comida para elas. Quando as serviu, ele foi rápido. Não reparou que as garotas o observavam com outras intenções.

Algum tempo depois, Roberto foi ao playground levar um prato cheio de carnes para sua esposa e filha. Lá ficou comendo e conversando com elas, às vezes brincando com as outras crianças também.

O clube já estava se esvaziando. Já era duas da tarde e planejaram assistir ao jogo de seus times preferidos na casa do Rogério. A carne estava acabando. As pessoas já estavam se despedindo, indo embora aos poucos, até que, por último, foram as três meninas, sem antes lançarem um olhar de provocação para Roberto e sua esposa. Talvez elas estivessem com ciúme ou inveja da felicidade do casal.

Rogério reparou nesses olhares, mas não se importou. Seu amigo é um homem fiel à esposa, não a trocaria por qualquer

aventura. Só não entendeu o porquê das meninas o olharem daquele jeito. Depois ele conversaria com o Beto, como ele o chamava.

Tudo arrumado, o lixo recolhido, o local limpo do jeito que estava, as duas famílias entraram no carro do Rogério. Roberto ainda não tinha carro, pretendia comprá-lo quando sua situação financeira estivesse à altura para ter um. Foram para a casa de Rogério onde passariam a tarde diante da televisão assistindo futebol e suas respectivas mulheres colocariam a conversa em dia.

Enquanto as mulheres de divertiam nos fundos da casa, Rogério pegou duas cervejas e ofereceu uma para Roberto, sentando-se ao seu lado, no mesmo sofá da sala e puxou o assunto:

— Sabe daquelas meninas que você ofereceu comida?

— Não sei quem são. Que tem elas?

— Não sei também. Mas elas ficavam cochichando algo e olhando para você. Achei meio estranho. Mas como eu te conheço muito bem, não dei muita importância a isso.

— Não reparei. Só vi que elas talvez estivessem com fome e eu ofereci comida. Fiz algo errado?

— Pelo contrário. Fazer o bem é o que nós sempre fizemos. Mas os olhares que elas lançavam para você me deixaram com suspeitas.

— Pode ficar tranquilo. Não vou trocar minha esposa por nada deste mundo. Fiz juras de amor eterno quando me casei e vou cumprir à risca.

— Fico feliz em saber — finalizou Rogério e, brincando, disse mais: — Se um dia eu souber que você traiu a minha amiga Helena, vai se ver comigo!

— Pode deixar, Rogério. Serei fiel, tanto a ela quanto à nossa amizade!

Antes do jogo começar, as mulheres de ambos se juntam a eles. Todos torcem para o mesmo time, só as crianças continuaram a brincar nos fundos da casa.

ARBITRARIEDADE

No dia seguinte, Roberto, que era um jovem trabalhador, de vinte e oito anos de idade, exercia suas atividades numa gráfica no centro da cidade, indo sempre a pé, gastando nessa viagem quarenta minutos, pois gostava muito de andar. Todos os dias pegava sempre o mesmo caminho, não porque não conhecesse a cidade, mas porque aprendera que os atalhos podem levá-lo a caminhos errados.

Despediu-se da esposa no portão de sua casa, não havia muita gente na rua, pois ainda era cedo, umas sete horas e trinta minutos. Ele entraria no seu serviço às oito e meia. Deu um abraço forte em Helena, beijando-a na boca. Ela o puxa de volta pelo braço, olha nos olhos dele e lhe pergunta:

— Não esqueceu nada, meu amor?

— Pelo que eu saiba, não. Meu celular está no bolso, na mochila estou levando meu livro, as contas para pagar estão dentro dele. Então, não me esqueci de nada.

— Está bem, querido. Te espero à noite para darmos uma volta na praça com Amanda, para tomarmos um sorvete.

— Nem isso me esqueci. Então, até logo, meu amor!

Mais um beijo. E Roberto se vai, olha para trás vê sua esposa ainda de pé no portão, ela acena para ele e ele acena de volta, até sumir na esquina. Roberto está juntando um bom dinheiro para poder ficar bem de vida, como seu amigo Rogério que conseguiu se erguer com o suor do seu trabalho. Ele faz tudo o que é possível para não se descontrolar nas dívidas.

No trabalho ele tem muita estima por parte de seus colegas e patrões. Não causava problemas, nunca reclamava. Ele sabe muito bem que era dali que vinha o seu sustento. Apesar de o salário ser bem razoável, ele era consciente de que era o ideal e suficiente para sua sobrevivência. A empresa era limitada e não podia lhe dar um salário maior, mas ganhava bem para os padrões da cidade.

Em casa ele ajudava a esposa, eles eram felizes, não eram perfeitos; as discussões existiam, mas se resolviam naturalmente. Ajudava nos afazeres da casa, cuidava da filha de cinco anos e brincava com a gatinha chamada Leona.

Seus vizinhos, assim como Rogério, costumavam chamá-lo de Beto. Era um bom vizinho, não gostava de brigas, tratava bem a todos, com muito respeito e reverenciava os idosos da comunidade. Enfim, ele era o modelo de cidadão que todos gostariam de ser.

Caminhando ao trabalho, ele observava os prédios, as casas, que eram bem construídas. Era seu sonho adquirir uma casa ou um apartamento próprio. Não estava atrasado nem adiantado para o trabalho. Esse era o seu horário habitual e ao mesmo tempo em que ia ele praticava uma caminhada. Na mochila estava seu livro, seu caderno de anotações, um guarda-chuva, e alguns itens de higiene pessoal e as contas para pagar. Apenas isso ele levava nas costas.

Cumprimentava os transeuntes desejando-lhes bom dia, recebendo de volta sorrisos sinceros e amáveis das pessoas. Olhava para as flores plantadas nas calçadas e, quando possível, arrumava as pequenas mudas de árvores que estivessem caindo,

firmando-as em seus lugares. É um jovem que ama a natureza.

Chega à banca de jornais de seu amigo Rogério. Eles se cumprimentam, conversam um pouco e Roberto vai olhar as manchetes dos jornais e revistas. Sempre compra um exemplar, principalmente quando há notícias sobre seu time favorito. Não gosta de discussões políticas, nem de fofocas. Vai direto ao caderno de esportes.

Enquanto ele se demorava ali, olhando as notas curtas dos jornais, uma senhora com a cara de poucos amigos, apareceu, acompanhada de dois policiais e apontou o dedo na direção de Roberto, dizendo:

— Foi ele, policial. Foi ele! Tenho certeza de que foi ele!

Roberto, sem entender nada, olha ao redor, procurando saber a quem aquela senhora estava acusando. Não havia mais ninguém além dele e do seu amigo Rogério.

Em questão de segundos, ele é empurrado contra a parede da banca, sua mochila arrancada de seus ombros e seus braços algemados nas suas costas.

Rogério tenta intervir, mas o policial que estava com a mochila de Roberto o afasta, dizendo:

— Não intervenha. Fique onde está!

O policial que algemava Roberto o vira violentamente e diz:

— Você está sendo preso por ter abusado sexualmente de uma menor! Tem o direito de permanecer calado e tudo o que disser pode ser considerado contra você. Tem direito a um advogado e se não puder contratar um, o estado providenciará para você.

— Policial — interveio Roberto, — deve haver um engano!

— Vamos levar você à delegacia e lá você explicará o caso ao delegado.

Rogério também não entendeu nada. A mulher apenas chegou e apontou o dedo na cara de Roberto, sem mais nem menos. Enquanto seu amigo era levado à viatura, ele tentou argumentar com a senhora:

— A senhora tem certeza de que ele realmente fez isso?

— Não é da sua conta — respondeu a mulher. — Aquele safado terá o que merece.

O policial que estava com a mochila de Roberto vasculhava suas coisas não encontrando nada de interesse criminal. Mas tudo foi apreendido, inclusive seu celular, que seria levado para a perícia.

Enquanto o jovem Roberto era levado, agora sob os olhares de muitos curiosos, sem poder explicar a situação, Rogério encara novamente a mulher, dizendo:

— Espero que a senhora esteja errada quanto a essa acusação. Esse jovem vem sempre aqui em minha casa e na minha loja e nunca achei nele qualquer coisa que o desabonasse. Ele tem mulher e uma linda filha. Se as acusações forem falsas, vai ficar bem pior para a senhora.

— O senhor está me ameaçando?

— Pelo contrário, minha senhora, não estou te ameaçando. Mas é o que a lei diz.

Virou-se e voltou para dentro da banca, onde vasculhou seus cadernos procurando o número do telefone de Helena para que pudesse avisá-la do que acabava de presenciar.

Estava achando tudo isso muito estranho. Ser acusado de estupro de menor é muito grave. Roberto pode perder o emprego, a liberdade, a vida ou até mesmo a esposa e filha. Ele mesmo pretende saber a verdade por trás de tudo isso. A mulher ainda estava ali. Chamou-a e lhe perguntou:

— Como a senhora tem tanta certeza de que foi ele quem estuprou a menor? A senhora viu? Quem é essa menor?

— Ele estuprou a minha filha. Ela mesma viu o rosto dele e o reconheceu. Ontem quando ela voltava de uma festa, esse verme a atacou, levando-a para o mato onde abusou dela. Ela me deu a descrição do safado, hoje de manhã o seguimos de perto e eu chamei a polícia.

— Ela viu o rosto dele?

— Viu! Mesmo estando escuro. Ainda eram dez horas da

noite.

— Mas onde foi isso?

— Minha filha foi atacada perto de casa, num terreno baldio. Mas ela sabe que foi ele. Me deu a descrição do safado, onde ele mora, viemos juntas e ela me mostrou o rapaz. É ele mesmo.

— Onde está sua filha? — perguntou Rogério, mas a mulher já estava indo embora, sem responder.

Com as informações que a senhora lhe deu, Rogério voltou para dentro da banca, tornou a procurar entre suas anotações o número do telefone da esposa de Roberto. Se Roberto realmente fez essa coisa abominável, ele teria que pagar. Mas, e se for inocente? Rogério sabe e tem certeza de que Beto é inocente. O que seria da sua vida? O que seria do seu futuro?

Como não achava o número, ele ligou então para sua esposa para que viesse correndo tomar conta da banca, para que ele mesmo pudesse ir à delegacia para saber como estava seu amigo. Nunca imaginou que isso pudesse acontecer. Ele era um bom homem, um bom vizinho, um bom marido e um bom pai e um bom amigo.

NA CELA DA CADEIA PÚBLICA

Na delegacia de polícia, Roberto estava detido dentro de uma cela, junto de outros quatro homens, que já estavam ali por posse de drogas e tráfico. Felizmente, ele não foi colocado em uma cela com pessoas violentas. Mas ele se sentia sozinho. Ainda estava tentando entender tudo aquilo. Sua esposa está em casa sem saber de nada, ainda não lhe fora permitido dar um telefonema, o delegado ainda não havia chegado.

A acusação que ele sofrera era grave. Uma menor que ele sequer conhecia fora estuprada e a conta caiu sobre sua cabeça. Uma senhora que ele nunca tinha visto na vida com o dedo em riste o acusa. Tudo foi tão rápido que ele estava tendo dificuldade de processar. Sua mulher e filha estavam em casa e ele desejava mais do que tudo estar junto delas.

Por não haver lugar onde se sentar, Roberto se sentou no chão frio da cela. Qualquer movimento de pessoas na porta o fazia levantar a cabeça. Estava na expectativa de que alguém pudesse desfazer aquele mal entendido. Tudo realmente não passava de um mal entendido, ele tinha certeza disso. Alguém o confundira com outro homem e esse homem estava solto por aí e ele

estava preso.

Os outros presos estavam em situação bem melhor do que Roberto, por isso, ele evitava falar do seu problema. Logo eles seriam soltos, a lei que tratava do caso deles era diferente da lei que tratava do caso de Roberto. Apenas continuava sentado naquele chão de cimento, frio como gelo, com a cabeça entre os joelhos, se perguntando como aquilo podia ter acontecido com ele. Começou a chorar.

Depressão? Ele raramente ficava com depressão. Ele estava desesperado. Mas aquilo o estava afundando muito mais. Será que ele conseguiria sair desse poço sem fim? Alguém poderia defendê-lo? Alguém acreditaria em sua inocência?

Quem era aquela mulher? Ela o conhecia de algum lugar? Quem era a menor que foi estuprada? Como acharam que foi ele? Roberto precisa pensar em como vai provar sua inocência.

Continuou sentado no chão frio e duro de cimento da cela. Sua esperança é que alguém descubra o quanto antes que tudo aquilo não passa de um engano. Pessoas se enganam com facilidade, ele mesmo se enganara várias e várias vezes. Está se apegando àquilo. Ele fica imaginando que logo vai aparecer um policial pedindo mil desculpas pelo incômodo de ter-se enganado.

Os outros presos não se importam com a situação dele, eles fazem o que gostam. Era a natureza deles, ou melhor, era o fruto daquilo que eles plantaram. Mas Roberto não podia estar ali. Aquele não era o seu lugar. Ele não nasceu para estar ali, ele queria sair logo dali.

Mas ele tinha que esperar, os outros presos também. A cada hora entrava um preso e outros saiam. Passavam guardas pelas grades, mas nenhum deles o chamava para sair. Ele queria muito sair daquela cela; ele nunca fez mal algum para quem quer que fosse.

Sentado ali, naquele chão frio e duro de cimento, Roberto pôs-se a pensar. Pensou em Amanda. O que Amanda pensaria dele quando souber que esteve preso. Pensou em Helena. O que

Helena pensaria dele quando souber que ele foi preso por estupro de menor. Ela acreditaria nele? Lutaria por ele? Estaria ao seu lado, mesmo sabendo da gravidade do crime de que foi acusado?

E seus vizinhos? Continuariam sendo seus amigos depois que ele for solto? Se é que seria solto? Continuariam recebendo-o e à sua família em suas casas? Ele aprendeu que os verdadeiros amigos são aqueles que se mantêm ao seu lado durante as adversidades da vida.

Seu desespero aumentava à medida que o tempo ia passando e nada de alguém aparecer para tirá-lo dali. Guardas iam e vinham, presos entravam e saíam, advogados e advogadas vindo buscar seus clientes. E ele é o único que não tem advogado. Achava que nunca precisaria. Agora ele necessita desesperadamente de um advogado

CORRENDO ATRÁS DE UM ADVOGADO

Rogério chegou meia hora depois de Roberto ter sido preso. Procurou saber o estado do amigo, mas os policiais disseram que ele está incomunicável, e que ele não podia vê-lo. Perguntou se havia alguém ali que podia explicar como as coisas aconteceram.

— Aquele senhor, o escrivão, pode lhe falar — disse um policial que sentava na recepção.

— Obrigado — disse Rogério.

Dirigiu-se até o balcão e chamou o escrivão, dizendo:

— Senhor oficial, meu amigo, Roberto, foi trazido até aqui esta manhã. Poderia me explicar o que ele fez ou o que aconteceu?

— Ele está detido até segunda ordem — respondeu o escrivão. — Crime de estupro de menor conforme consta no Boletim de Ocorrência, seguido de ameaça.

— Posso vê-lo?

— Por enquanto não. O senhor é advogado?

— Não. Sou apenas um amigo dele. Acredito na inocência

do rapaz.

— Somente com a presença de um advogado, ele poderá receber visitas. Por ora, não. O delegado também ainda não chegou.

— Muito obrigado, senhor! Vou agora mesmo procurar um advogado para ele.

Rogério saiu às pressas. Seu amigo estava passando por uma situação incomum em sua vida. Ele precisava saber a verdade. Ele iria atrás dessa verdade até encontrar. Seu amigo Roberto sempre fora uma pessoa bondosa para ele, ajudou-o quando ele precisava dentro da banca. Pagava o que comprava, nunca foi desonesto com ele. Agora isso? Lembrou-se de que ainda não falara com a esposa. Voltou à delegacia, mas o escrivão já tinha saído. Perguntou ao policial da recepção:

— Tem alguma forma de eu poder levar os pertences do senhor Roberto, que está preso?

— Lamento. Não tenho essa prerrogativa. Somente com o escrivão.

Rogério põe a mão na cabeça e coça, seu amigo não pode ficar daquele jeito. Foi então correndo procurar o advogado, que ele conhecia e que já o defendeu algumas vezes. Se ele tiver que pagar, ele pagaria. Roberto é seu amigo, não poderia abandoná-lo.

Voltou à banca, sua esposa cuidou muito bem do negócio. Pegou a agenda telefônica e ligou para seu advogado:

— Bom dia, o Doutor Márcio está?

— Não, senhor. Ele está numa audiência — uma voz feminina atendeu. — Voltará após as quinze horas, pois a audiência é em Sorocaba.

— Não há outro advogado aí que possa me atender?

— Nesta hora não. Quem quer falar com o Doutor Márcio?

— É o Rogério, um antigo cliente dele.

— Vou dizer que o senhor ligou. Tenha um bom dia!

— Igualmente e obrigado!

Desligou o telefone.

Rogério, nessa hora, lembrou-se de que Roberto deixou um cartão de visita da empresa em que trabalhava com ele. Procurou-o. Fuçou as gavetas, procurou nos murais, nada. Onde foi parar a peça de que ele mais necessita? Abriu todos seus cadernos, folheou-os um por um, até achar um cartão amarelado no último caderno de anotações.

— Finalmente — disse ele. — Discou o número impresso no cartão e outra voz feminina atendeu:

— Bom dia! Gráfica Fernandez. Em que posso lhe ajudar?

— Bom dia. O Roberto trabalha aí?

— Roberto Luiz? Sim..., mas, pelo registro de entrada e saída de funcionários, ele não veio hoje.

— Eu sei. E também sei o porquê!

— Sabe? Pode nos informar? O diretor da empresa estava preocupado com ele. Ligou para a esposa perguntando e ela lhe disse que ele estava vindo para cá.

— Sim. Ele estava indo, passou aqui na minha banca, mas aconteceu uma coisa inesperada que nem eu acredito que seja real.

— O que houve, senhor?

— Ele foi preso. Acusado de ter estuprado e ameaçado uma menor.

— Isso é sério? O diretor precisa saber disso urgente!

— Por favor, não sejam precipitados. Ainda não foi condenado. Ele só foi acusado desses crimes, mas eu não acredito que ele tenha feito isso.

— Entendo. Mas é política da nossa empresa...

— Seja lá que política for essa — interrompeu Rogério. — Posso falar com o diretor?

— Vou passar para o ramal dele.

— Obrigado.

Rogério aguardou.

Alguns segundos depois, um homem de voz grave atende o telefone:

— Pois não! Em que posso ajudar.

— Meu amigo, Roberto, que trabalha aí foi preso há pouco, talvez seja uma acusação falsa. Peço ao senhor que considere a possibilidade de ele ser inocente.

— Vou considerar. Tenho o rapaz em grande estima. Mas a lei serve para todos.

— Obrigado. Estou atrás de um advogado para defendê-lo. O senhor ajudaria caso tenha que pagar?

— Neste caso, não posso ajudar, não. Quem tem que provar a inocência é ele. Quando provar, ele volta a trabalhar aqui. Por enquanto, ele fica suspenso.

— Mas não há provas concretas de que tenha sido ele, senhor.

— Com provas ou sem provas, ficará suspenso. É assim que fazemos aqui na empresa quando alguém comete uma falta grave.

— Obrigado, senhor. Desculpe-me por incomodá-lo. O Senhor, porventura, poderia me dar o telefone da esposa dele? Acho que ela ainda não sabe do que aconteceu.

— Sim, tenho o número. Anote aí.

Rogério pegou a caneta, abriu o caderno numa folha em branco e anotou o número ditado pelo patrão de Roberto.

Agradeceu e desligou o telefone. Digitou o número que lhe fora passado e Helena atendeu:

— Alô, quem fala?

— Aqui é o Rogério, Helena. Estava desesperadamente procurando seu número porque o que eu quero te falar é muito importante.

— Olá, Rogério! Que surpresa agradável você me ligar. O que há de tão importante para me falar?

— Primeiro, vou pedir que você fique sentada.

— Estou sentada.

— Bem... é o seguinte. O Roberto passou aqui na minha banca, olhou os livros, jornais e revistas. Até aqui, tudo bem. Mas daí, surgiu uma mulher que nem eu nem ele conhecemos, acompanhada de dois policiais e o acusou de ter estuprado a filha dela

na noite passada.

— O que? — espantou-se Helena.

— Acredito que seja uma acusação falsa. Mas a mulher disse ter certeza de que foi ele.

— Mas eu tenho certeza de que Roberto esteve aqui comigo. Dormiu aqui comigo, acordamos juntos, tomamos café juntos. Quem é essa mulher que acusou meu marido? Ela é louca?

— Como eu disse, não a conheço. Apareceu do nada com o dedo em riste na direção do Beto.

— Meu Deus! Como isso pode acontecer?

— Estou disposto a ajudar. Estou contactando um advogado para defender o Beto e para saber os detalhes do Boletim de Ocorrência, das acusações, para que, assim, possa elaborar a melhor defesa para ele.

— Por isso achei estranho que o patrão dele tivesse ligado aqui perguntando por ele.

— Eu liguei lá. Infelizmente, parece que o Beto vai perder o emprego por causa da política daquela empresa.

— Mas isso não está certo. Vou tentar ligar para eles. Acredito na inocência do meu marido.

— Eu também acredito. Mas não acho que de nada vai adiantar você ligar para eles. É uma política bem rígida.

— Então somos só nós dois que acreditamos na inocência dele. — disse Helena, observando sua filha que a olhava com olhinhos arregalados, então acrescentou: — Ah, Rogério, o que vou dizer para Amanda? Se os vizinhos descobrirem que o Beto foi preso, vão ficar só falando disso.

— Então, nós vamos manter isso entre nós. Vou aguardar o advogado retornar de Sorocaba. Aí voltamos a conversar a respeito. Está bem?

— Está bem. Obrigado por me avisar. Preciso me preparar para ir à delegacia. Você pode me levar lá e me acompanhar?

— Claro que posso. Manuela ficará tomando conta da banca. Que horas você deseja ir?

— Já! Agora mesmo! Ele é meu marido. Ele precisa de mim.